



Design e imaginário do rock: uma proposta de estudo

Design and Imaginary of rock: a study proposal

Resumo

O propósito deste artigo reside em estabelecer uma abordagem sobre a relação do design com os Estudos do Imaginário, especificamente o imaginário do rock. Trata-se, portanto, de uma investigação exploratória acerca das possíveis manifestações sociais ocorridas na década de 1960 que tenham impulsionado o rock a adotar um caráter político e contribuído para a quebra dos paradigmas do design acerca da racionalidade. Ainda, propõe-se a mapear o conceito de tribo de Michel Maffesoli dentro desse contexto social do rock.

Palavras Chave: Imaginário; rock; design.

Abstract

The purpose of this article lies in establishing an approach between design and the Studies of the Imaginary, specifically the rock's imaginary. It's about, then, an exploratory investigation about the possible social manifestations occurred in the decade of the 60's that may have stimulated the rock to adopt a politic character and to contribute to the breaking of paradigms about the rationality of the design. Furthermore, it lies also in mapping the Michel Maffesoli's "tribe" concept inside the social context of rock.

Keywords: *Imaginary; rock; design.*

Introdução

A intenção deste artigo é apresentar uma pesquisa sobre imaginário e design - que se encontra em andamento, em fase inicial - para o trabalho conclusão de curso em Design Gráfico da Universidade Federal de Pelotas. Tomou-se como partida um breve levantamento contextual do início do rock enquanto movimentação social, desde os anos 1960, assim como o mapeamento do design e suas transformações estéticas em igual período. Aos fãs de rock que se menciona no trabalho, se cruza a noção de tribo do sociólogo Michel Maffesoli, a partir do entendimento desses indivíduos como partilhadores de uma sensibilidade coletiva. Este trabalho se propõe a observar a relação entre design e imaginário e como esta relação pode contribuir com a prática projetual do design, a partir de um mapeamento simbólico do reservatório¹ dos fãs de rock. Por fim, a pesquisa gera algumas questões a serem respondidas: É possível estabelecer relações entre o imaginário e o desenvolvimento projetual? O imaginário pode ser um caminho para o mapeamento simbólico da relação dos fãs com suas bandas? Como o designer irá considerar o imaginário no desenvolvimento projetual aplicado aos fãs de rock?

O rock como manifestação social e a formação tribal

O rock surgiu fortemente nos anos 1960, época em que o mundo se via caótico. A Guerra do Vietnã estava acontecendo com o envolvimento de diversas tropas americanas formadas por jovens, protestos eram frequentes. Em maio de 1968 acontecia também a revolta dos estudantes em Paris que culminou no movimento estudantil internacional. Assim, de forma geral, pode dizer-se que havia um desejo de os jovens dizerem o que pensavam e lutar pela liberdade.

Neste período a música, e principalmente o rock, passou a ser um meio de expressão de caráter político, tornou-se uma movimentação social. Exemplos disso são os festivais norte-americanos de Monterey de 1967, na cidade de Monterey e, posteriormente, o de Woodstock de 1969 em Bethel. Ambos reuniram diversos artistas como Jimi Hendrix; Canned Heat; Creedence Clearwater Revival; Mountain entre outros, em torno do fim da guerra na década de 1960. Particularmente em Woodstock, Jimi Hendrix tocou na guitarra o Hino Americano em alusão ao momento político que o país estava atravessando em relação ao conflito bélico que era contraditório às “vantagens e promessas da sociedade ocidental” (PEREIRA, 1992, p. 42) a qual pregava o “american way of life”.

¹ Segundo Silva o reservatório é o que “agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras de vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo” (SILVA, p. 12, 2006).

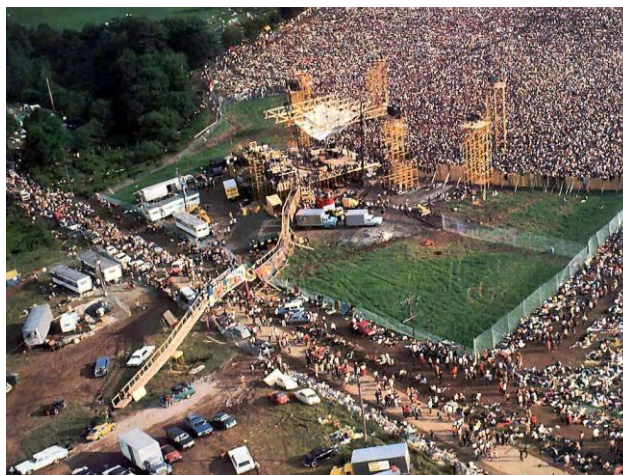


Figura 1: Mais de 500 mil pessoas compareceram em Woodstock.
Fonte: Site Editora Moderna².

Através dos festivais, multidões se reuniram para proclamar discursos, unir pensamentos e esforços para conquistar espaço e buscar uma certa mudança no modo de vida que se matinha. Almejavam transformar as consciências, os valores e os comportamentos sociais. Em Woodstock, a temática do festival foi três dias de paz e música. Era uma pausa de todos os acontecimentos trágicos que aconteciam no mundo.

Essas multidões eram majoritariamente formadas por jovens e, neste contexto, ao final dos anos 1950 o discurso do “Sonho Americano” já não satisfazia mais. O moralismo rígido e a racionalidade passaram a ser questionados dando espaço nos anos 1960 aos movimentos da chamada contracultura (RODRIGUES, p. 86, 2008).

Essa multidão que, de certa forma, compartilhava uma visão de mundo, hábitos, modos de vestir, pensamentos, imagens, pode ser identificada como uma tribo, no sentido empregado por Michel Maffesoli, que partilha de uma sensibilidade coletiva (MAFFESOLI, 2006). Com isso, Maffesoli aponta uma noção que avança da “teoria” da individualização mantida até o modernismo, para uma concepção de socialidade da pós-modernidade:

A metáfora da tribo, por sua vez, permite dar conta do processo de desindividualização, da saturação da função que lhe é inerente, e da valorização do papel que cada pessoa (persona) é chamada a representar dentro dela (MAFFESOLI, 2006, p. 31).

Essa tribo, a partir de vivências, talvez possa ter alimentado um imaginário específico sobre essa época que fez com que esse gênero musical fosse, com os olhos de hoje, dotado de uma “aura” particular de valores simbólicos, expressos por meio das roupas, atitudes e, de forma especial, da relação dos fãs com as bandas. Esta noção de tribo segue o conceito de “errância”, onde o imaginário se estrutura através da “assimilação, apropriação, distorção e acaso” (SILVA, 2006, p. 14). Segundo Maffesoli, o imaginário só existe no social, por meio das tribos que partilham de “uma filosofia de vida, uma linguagem, uma atmosfera, uma ideia de mundo, uma visão das coisas, na encruzilhada do racional e do não-racional” (Idem, p. 14).

² Disponível em: <http://redes.moderna.com.br/?p=3190>. Acesso em: 2 abr. 2012.

O design como linguagem visual contemporânea

No âmbito do design, esses acontecimentos também são refletidos. A Escola de Ulm³, que proclamava a ultra-racionalidade passa a ser questionada. Ainda, somado aos acontecimentos mundiais como a Guerra Fria e a Guerra do Vietnã, o design passa a ter uma função social focada em um viés que permitia fugir desse modo racionalista e pragmático de viver (RODRIGUES, 2008). Segundo Jorge Caê Rodrigues, nas décadas de 1960/70 o design gráfico tem como objetivo atender, principalmente, as necessidades dos jovens, pois eram eles os mais insatisfeitos com "valores morais e arcaicos" (RODRIGUES, p. 84, 2008) que permaneciam ainda nos anos 1960, criando assim uma linguagem estética que viria para romper com os paradigmas, dando margem à criatividade e à liberdade de expressão.

A Escola de Belas Artes de Varsóvia, conhecida como escola polonesa de cartazes, e o Push Pin Studios dos Estados Unidos são exemplos de uma nova geração de artistas. A linguagem gráfica dessa época ganha referências psicodélicas, gestos manuais, recortes e colagens, ressurgem os ornamentos do Art Nouveau. Estes sinais podem ser compreendidos com o que Chico Homem de Mello (2006) chama de linguagem visual contemporânea onde fugia-se da estética industrial. Este modelo industrial caracterizado por formas geométricas, por *grids* estruturadas firmemente, por rigidez e guiado por ideias como a máxima modernista "menos é mais" e "forma segue a função", dá espaço a uma composição mais livre característica do design pós-moderno. A intenção do design pós-moderno é a inclusão (MELLO, 2006).



Figura 3: Pôster de em 1935 por Ernst Keller, da Zurich School of Arts and e pôster de 1978 por Henryk Tomaszewski, um dos professores da Escola de Belas Artes de Varsóvia, respectivamente.

Fonte: Poster Gallery⁴ e Rene Wanner's Poster Page⁵

³ A Escola de Ulm, como ficou conhecida, tendo o nome de Hochschule für Gestaltung (UfG-Ulm), foi fundada na Alemanha em 1953 por Inge Aicher-Scholl, junto de Max Bill e Otl Aicher. Surgiu num momento de pós-guerra e tentou adequar-se às necessidades desse período. O país vivia uma reforma socialista em adesão ao capitalismo, levando a escola a uma filosofia de métodos funcionalistas. Porém, devido aos choques ideológicos do neocapitalismo, a escola encerrou-se em 1968 (SOUZA, 2008).

⁴ Disponível em: <http://webposters.adm.ntu.edu.sg/site/page/poster/2697>. Acesso em: 4 abr. 2012.

Na figura 3, podemos observar uma comparação entre estes dois direcionamentos do design: o modernismo racionalizante da informação, à esquerda, e o desprendimento das composições mais livres, à direita. No primeiro caso, a utilização do preto e branco, a tipografia sem serifa e a objetividade na informação, a composição utiliza um eixo diagonal característico do construtivismo russo que explorou a perspectiva em suas composições. Já no segundo cartaz se utiliza colagens, contraste de cor, linguagem metafórica, subjetividade, uso variado de tipografias. A partir da observação do movimento de ruptura dos anos 1960, é possível também perceber desdobramentos no campo do design gráfico também na direção de quebra com paradigmas totalizantes.

Considerações Finais

Tendo em vista que o trabalho de conclusão de curso ainda está em andamento, é possível no momento levantar algumas hipóteses a respeito dos assuntos anteriormente abordados. Segundo Maffesoli “só há imaginário coletivo (como um inconsciente social)” (SILVA, 2006, p. 15) assim, conforme propõe o autor, para se mapear o imaginário do rock é preciso analisar as práticas sociais dos indivíduos, fãs de rock, para captar valores simbólicos, comportamentos e ações. É através do imaginário que se constrói o inconsciente do ser. Este é formado por pulsões que o fazem agir, que o fazem sentir o meio social de uma maneira particular e com significados pessoais que o marcam. Então, a partir desse breve estudo, pode-se ter como premissa a ideia de que é possível utilizar o imaginário como caminho para a criação de design levando em conta os valores simbólicos de um determinado meio social a ser atendido.

Em se tratando dos fãs de rock, o imaginário ajuda a perceber e interpretar a narrativa dessa tribo, os fãs, para estabelecer uma linguagem estética que dialogue com seu reservatório.

Como sequência do trabalho de conclusão de curso, pretende-se pesquisar essa relação dos fãs de rock, sendo estes os fãs da banda Rolling Stones, como recorte da pesquisa. Analisar as peças gráficas produzidas ao longo da história da banda para buscar as referências mais marcantes e que, possivelmente, tenham sido base para a construção de um imaginário do rock e, propriamente, da banda e observar como se dá a assimilação e apropriação desses símbolos pelos fãs.

⁵ Disponível em: <http://www.posterpage.ch/mem/tomaszewski/tomaszewski.htm>. Acesso em: 2 abr. 2012.

Referências

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MELLO, Chico Homem de. **O design gráfico brasileiro: anos 60**. São Paulo: Cosac Niafy, 2006.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura**. Editora Brasiliense S.A., São Paulo, Brasil. 1992.

RODRIGUES, Jorge Caê. **Anos fatais: design, música e Tropicalismo**. Rio de Janeiro: 2AB, 2007. Novas Idéias, 2007.

SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: 2ª Ed., Sulina, 2006.